

IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

ASSIGNATURA

Anno, 8\$000—6 mezes 5\$000. Tanto para cidade como para fóra.

PROVINCIA DE S. PAULO

COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

CONDIÇÕES

Publicações e annuncios pelo preço que se convencionar.

BRAZIL

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

Anno II

Ytu, 14 de Janeiro de 1877.

N. 47

IMPRENSA YTUANA

Ytu, 14 de Janeiro de 1877.

Encetamos hoje o segund do anno deste periodico, destinado em geral a pugnar pelas idéas utias, e especialmente consagrado aos interesses do povo Ytuano.

Como fizemos sentir em nosso programma, ser de ensaio e aprendizagem aos alumnos do Instituto do Novo Mundo, a quem prestamos todo o nosso apoio.

Para maior regularidade, não só em relação a nós como aos nossos assignantes, deliberamos começar com este numero o segundo anno que deve finalizar em dezembro.

Para o mesmo numero de assignantes, que o primeiro, a extraordinaria permuta que o periodico tem merecido, nos animarão a augmentar o seu formato.

A *Imprensa Ytuana* fiel a seus intuitos, continuará na senda escabrosa que resolveu trilhar, embora com passo vacillante, e curvada ao pezo da ardua tarefa.

Em quanto as forças nos ajudarem, conservaremos o nosso posto de honra, ainda que nos seja mister arcar com sacrificios, superiores aos que podemos comportar.

Succumbindo, não lamentaremos um baquear dezauroso, porque carregamos ao hombro uma pequena pedra, para a construção de um grande edificio.

E' nobre qualquer tentamen para a instrução do povo, mesmo deficiente

como reconhecemos ser o nosso empenho, pela carencia de tempo e de recursos.

Si não podemos firmar a base da pyramide, preparamos, ao menos, o terreno para que obreiros alentados, mais tarde, possam erguer o monumento.

Itu, a cidade tradicional, que entre suas irmas tem occupado sempre um lugar distincto, não pode deixar de manter um orgão de publicidade, vehiculo da instrução.

E' preciso que o povo leia e se instrua, esteja a par dos acontecimentos que succedem se, tenha noticia do que ocorre ao redor de si, fim de não ser levado facilmente de vencida.

As columnas da *Imprensa*, como antes, está francas aos que desejarem enviar artigos, de interesse geral ou municipal, sobre desenvolvimento moral ou material, se a differença de partidos ou grupos.

Quanto em nós co'ber, arredaremos as questões pessoais, de ordinario acrimoniosas e inconvenientes.

Augmentando o formato do jornal e mo-nos na contingencia de elevar o preço da assignatura, ficando ella de 8:000 rs. por anno não só para os da cidade, como para os de fóra.

A redação continúa a cargo do Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, e a collaboraçãocom os Srs: Dr. Joaquim de Paula Souza, Dr. Carlos Hildro da Silva, Dr. Manoel Firmino Pereira Jorge, Dr. Ignacio Soares de Bulhões Jardim e Francisco Antonio Nardy de Vasconcellos.

A *Imprensa*, cordialmente, agradece aos distinctos cavalheiros não só da cidade, como de fóra o auxilio que

prestarão com artigos de importancia, e espera continuar a merecer a coadjuvação franca dos mesmos.

Ao distincto Editor, do Rio de Janeiro, sr. Garnier, a *Imprensa* tributa um voto de agradecimento pelos delicados presentes de livros que do mesmo senhor tem recebido.

COLLABORAÇÕES

Os leitores e os jornalistas

Em o nosso n.º passado levantemos pequena contestação ao habil redactor do *Globo*, mostrando que o jornalista, é como todo outro brasileiro, e porque tomou da penna, não se o pode dizer izempto dos defeitos deste.

Procuramos mostrar que tem tantos, senão maiores defeitos que os brasileiros, que elle considera apathicos, e incapazes, pois alem da apathia, tem a incapacidade, preguiça, e vaidade em tal ponto, que são hoje as salas das redacções irmans das repartições publicas.

Esta questão se nos afigura muito mais importante, e difficil de resolver do que dizer simplesmente. *Não prestamos, porque somos incapazes, e apathicos.*

Ha muito que estudar e esmiuçar nesta questão intrincada.

A grande ignorancia é sem duvida um dos maiores motivos do pouco gesto que ha pela leitura.

Bem como aquelle que não tem força phyzica não pode carregar pesos à ella superiores, aquelle que é ignorante, não pode comprehender bem a lei-

tura. Esta o cansa e fatiga, de sorte que elle evita o que so incommodos lhe cauza. Aquelle que tem estudos e intelligencia, tem gozo com isso, aprecia cada vez mais desenvolver essa força intellectual; e aquelle que não os tem, foge de trabalhos.

O illetrado pelo incommodo, vae descurando de tal modo a leitura, que a maioria delle pouco ou nada exerce esta saber.

Ve-se as influencias politicas do interior guardarem seus jornaes, sem os abrirem. Os proprios doutores quazi não leem.

E' uma vergonha. Concordo com o habil escriptor do *Globo*.

Mas desejaria que fosse mais longe a sua censura, que se augmentasse com a dos que escrevem, que tem os defeitos de todos os brasileiros.

Ha uma ou outra excepção, que confirma a regra que é ter o jornalista e o escriptor os mesmos defeitos dos brasileiros em geral, com mais alguns particulares delle.

E' um dos motivos que tem trazido a descrença geral.

Vendo que desde Timandro e Rocha do Brazil, ate hoje, o jornalista ou é um Napoleão que mata sua mãy para se elevar, ou é um condottieri que vive de sua penna que aluga á quem melhor a paga, o povo perde a fé.

O jornalista, ou luta por uma idea, e quando lhe faz conta, a renega como Napoleão á liberdade: ou torna-se um jornaleiro que vive da sua penna.

Isto tem produzido a descrença nos que leem, e vontade de vender se nos que escrevem.

Apparecendo um moço habil, vae a

FLEETIM

AVATAR

Por Theophilo Gautier.

Traduzido

por

SALVADOR DE MENDONÇA.

I

Não havia quem podesse comprehender a molestia de que lentamente se finava Octavio de Saville. Não ia para a cama e continuava no seu modo ordinario de vida; ninguém lhe ouvia uma queixa, e, no entanto, ia morrendo a olhos vistos. As investigações medicas, exigidas pela solicitude de parentes e amigos, não descobriam precisamente um soffrimento qualquer, e a sciencia não encontrava nelle symptomata a quem esust dor; ao auscultarem-lhe o peito, o som co' respondia aos melhores desejos e o fim ouvido de Esculapio mal sorprehedia um bater mais lento ou mais precipitado; não tossia, não tinha febre, mas o que é certo, é que a vida lhe fugia por uma dessas fendas invisiveis, que existem no homem, segundo affirma Terencia.

Algumas vezes uma syncope imprevisita tornava-o pallido e frio como o marmore. Durante um ou dous minutos podê-lo iam tomar por morto; depois a pendula, letida por um dedo mysterioso, livre do obstaculo, recommençava seu movimento, o Octavio parecia despertar de um sonho. Aconselharam-lhe banhos; porém as nymphas thermas na ta adontaram. Uma viagem a Nápoles não produziu melhor resultado. Esse bello sol tão precioso pareceu-lhe negro com o da gravura de Alberto Durer; o marcego que traz escripto na aza a palavra melancholia, com o dorso empedreado turbava o puro azul do firmamento e voçava entre elle e a az; sentiu-se de gelo no cado de Margellina, onde os laz-

zinhos se i-nús cozem e por gosto e dão a pelle a cor do bronze.

Por tudo isto voltára ao seu pequeno aposento da rua de S. Lázaro e de novo tomára, ao menos na apparencia, os habitos antigos.

Era este aposento mobilado tão confortavelmente quanto o pôde ser um quarto de rapaz. Como, porém, o interior de uma casa vae to nado aos poucos a physionomia e porventura o pensamento de quem a habita, o aposento de Octavio foi pouco a pouco de-nuando; o damasco das cortinas espaldecera e deixava apenas filtrar uma claridade ensonbrada. Os magnificos ramalhetes de peonia murchavam no fundo menos alvo do tapete; e o ornato das molduras de algumas aquarellas e esboços de mestres haviam lentamente adquirido um côr avermelhada, graças a acção implacavel da poeira; o proprio fogo da lareira ia-se apagando como por desanimo, e mal se erguia tenue fumo do meio das cinzas. O velho relógio de Boute incrustado de cobre, com filetes verdes, abafava o ruído do seu tic-tac e o soar das horas, languido e arrastado, fallava baixo como é de estylo na camera de um doente; as portas fechavam-se em silencio e os passos de escassos visitantes a-mortaciavam-se no corredor tapagado; o riso de tinha-se por si mesmo ao penetrar nestas camaras silenciosas, tristes e soturnas, em que, entretanto, nada faltava do uso moderno.

João, o credo de Octavio,ahi se escoava como uma sombra, espantador em baixo do braço e bandeja na mão, porque, a seu tur o abalado pela melancholia do logar, acabara por perder a natural loquacidade. Na parede estavam suspensos em trophéu floretes, mascaras e luvas; era, porém, facil de ver que de ha muito lhes não tocavam; livros, tirados da estante e atira los com indifferença sobre todos os moveis, indicavam que Octavio intentára, com uma sorte de leitura machinal, fazer calar uma idéa fixa.

Uma carta principiada, cujo papel amarellecera, parecia ha mezas esperar que a terminasse, e alli bem á mostra, no meio da secretaria, era como uma muda queixa. Apesar de habitado, o aposento parecia deserto. A vida por certo dahi se ausentára; ao en-

trar recebia-se no rosto esse ar humido e gelido que sahê dos tumulos ao abril-os.

Nesta lugubre morada, que já mais vira a ponta de uma botina de mulher, Octavio achava-se mais a gosto do que em outra parte: é que lha assentavam esse silencio, essa tristeza, esse isolamento; o fu nultur da vida encornino lav-o, posto que ás vezes se esforçasse para nelle tomar parte; mas voltava mais cabisbarxo dos bailes mascarados, das partidas ou das ceias, a que o mostravam os amigos; já não luctava contra essa dor mysteriosa e d'ixava que corresse os dias com a indifferença de quem não contava com o dia de amanhã. Não formava nenhuma projecto, por não acreditar mais no futuro, e facilmente tinha enviado a Deos o seu pedido de demissão da vida, esperando que fosse deferido. E, no entanto, si estives suppondo um rosto magro e abatido, uma côr m'cellent, corpo debilitado, gran lestrago na apparencia, enganae-vos; quando muito notava-se-lam pequenãs olheiras sob as palpebras, alguns pontos amarelhados em volta da orbita e uma ligeira depressão nas fontes, sulcadas por veis azues. O olhar já não era espelho a alma, e bem se via que a vontade, a esperança e o desejo não brilhavam nelle. Num rosto juvenil este olhar amortecido formava singular contraste e produzia effeito mais doloroso que a feição descarnada apoz longo soffrimento, que servisse de moldura a dous olhos accessos p-lo ardor da febre.

Octavio fôra, antes deste deñihar, o que se chama um lindo rapaz, e ainda o era: espessos cabellos negros, em bustos anneis, cahiam sedosos e luzidios, a cada lado da fronte; olhos rasgados, avelludados, azul-escuros, orlados de pestanas cu vas, incendiavam-se ás vezes num lampejo de ternura; no socego e quando nenhuma paixão os accendia, notava-se-lhes essa placida quietude que possuem os olhos dos filhos do Oriente, quando á porta de um café de Smyrna ou de Constantinopla fazem o kief, depois de haver fumado o seu *narguilhé*.

Nunca sua tez fôra rozada, antes se assimilhava a essa tez meridional e amorenada, que só á muita luz produz devida effeito; tinha a mão fina e delicada, pé esguio e resaltado no peito. Sabia vestir-se, sem proceder á moda,

nem accompanhá-la de mui longe, possuindo o raro talento de fazer sobresahir seus dotes naturaes. Não tendo pretensões a dandy ou a *gentleman rider*, si se apresentasse no Jockey-Club, não seria ao certo recusado.

Como era, pois, possível que joven, bello, rico, com tantas razões para ser feliz, este moço deñinhasse por tal forma? Ides dizer que Octavio estava *blasé*, gasto, embotado, que os romances em voga lhe haviam turbado o cerebro com as suas idéas pestilenciosas, que era um sceptico, que de sua mocidade e sua fortuna, esbanjadas em loucas orgias, apenas lhe restavam dividendos; enganado rematado! Pouco assiduo frequentador dos prazeres, Octavio não os pudera aborrecer; não era nem spleenético, nem romancesco, nem atheu, nem libertino, nem dissipador; até então passára a vida em estudos e distrações como passam-naos outros moços; sentava-se de manhã n s bancos da Sorbona, á noite moxtava guarda nas escadadas da Opera para ver despenhar-se a cascata dos billetes.

Não tinha mulher de marmore nem duqueza e gastava as rendas sem que suas phantasias lhe fossem desfalcar o capital,— prova é que o estimava o seu notario; era rapaz mettido consigo e tão incapaz de aticar-se aos gelos de Manfredo como de avivar o Brazeiro de Escouse. Quanto á causa do singular estado em que se achava e que dava tratos á sciencia da f'ca' lade, não osamos dizel a, por tal forma é a cousa inverosimil em Paris, no século decimo n.º, e confiamos ao nosso proprio h'róe o cuidado de manifestá-la.

Os medicos como medicos não entendiam do molestia tão singular, porque não se tratou ainda de disseccar uma alma nas vezas da anatomia. Não houve remedio senão recorrer em ultimo apello a um celebre doutor, que veltava da India, depois de lá ter estado por muito tempo, e que passava por autor de curas miraculosas.

Octavio, com receio de encontrar uma perspicacia em alto gráu, capaz de penetrar o seu segredo, parecia ter a visita do medico, e só as reiteradas instancias de sua mãe conseguiram que elle consentisse em que se chamasse o dr. Balthazar Cherbouzeu. (Cont.)

politica lhe acenando com lucros e proveitos, e vae o moço para o lado do interesse. Dos partidos em que se divide a politica, o mais geitozo para angariar defensores por este modo, é o conservador o que arranja melhores defensores, que recruta, em quanto os liberaes enchotão por todos os módos.

E' que ha um individuo a quem o liberal vota maior geriza do que ao conservador contrario, é outro liberal que lhe pode faser sombra.

Chegando ao poder, estão brigando, fazendo guerra occulta, derrubando-se com violencia, ou vendendo-se.

Temos todos a culpa.

Mas, os jornalistas, não a tem, tu- do fazem em bem do seo paiz ?

Isso é que me parece preciso tam- bem dizer-se para que melhorem, pa- ra que não apresentem romances tão ordinarios, para que não vizem só ao lucro, para que melhor comprehendão seo papel.

De ordinario, não o tomão a serio, não estudão. Soberbos, querem dic- tar leis : arrogantes, tornão-se empre- gados publicos que abuzão de sua po- zição.

Achão dezechabido tudo que é nos- so, e suas almas francezas so querem traduzir o que é francez, e applicar á nos, á esmo, sem criterio. Não ba- tem abusos e immoralidades, porque levemente respondem que não são padres para vir pregar moral, esque- cidos que, é a moralidade a pedra de toque por onde se conhece a civiliza- ção de um paiz.

Como podem gostar do que é nosso, se são estranhos a nossos gostos, se se- guem em tudo jornaes e livros france- zes ?

Não podem negar todos os que têm se- guido o nosso movimento litterario, que o nivel intellectual baixou.

Até 1850, os homens erão mais ins- truidos, mais na altura de suas po- zições.

Hoje, não apparecem homens supe- riores em nossa scena litteraria e po- litica. Já não ha os G. Dias e os honrados politicos de dantes.

Releve-nos S. S. estas observações que bastante nos peza faser : mas te- mos gosto em confessar que é S. S. u- ma excepção muito brilhante : mas é excepção.

S.

A Polvora

Bosquejo historico—Antiguidade das misturas inflammaveis usadas na guerra.—Usos dos fogos de guerra en- tre os Orientaes.—O fogo incendiario; sua introdução entre os Arabes.—Invenção da polvora.—Os canhões em- pregados pela primeira vez em Floren- ça, em 1325.—A opinião publica pro- nuncia-se contra as armas de fogo.—Bertholio Schwartz aperfeição as boc- cas de fogo.—Invenção e progresso da artilheria.—Causas da explosão da pol- vora.—Modo de a fabricar.

E' quasi universal a opinião que at- tribue a invenção da polvora a um monge muito versado nas sciencias, chamado Rogerio Bacon, que vivia no seculo XIII. Mas esta opinião é in- exacta. Não se pode attribuir, de um modo exclusivo, a nenhum sabio em particular a descoberta da nossa pol- vora. Desde a mais remota antiguida- de se usaram misturas inflammaveis, como meios de ataque ou defeza, tan- to n Occidentia como no Oriente. Mas foi sobretudo nas regiões da Asia que, desde tempos immemoraveis, se usa- ram nos combates aquellas misturas inflammaveis que, aperfeçoadas pelo decorrer dos tempos, chegaram a cons- tituir a polvora actual.

Vamos ver o modo por que as mistu- ras inflammaveis primitivamente usa- das no Oriente, se modificaram pouco a pouco e chegaram na Europa a ponto de terem a propriedade de lançar pro- jectis ; e porque meio se conseguiu in- ventar a artilheria moderna.

A Asia produz com abundancia di- versos combustiveis naturaes, entre outros a naphta, o betume ou asphal- to, o petroleo etc. Os Chinezes, In- dios, e Monges, formavam materias

inflammaveis, susceptiveis de se ape- gar aos objectos contra os quaes fos- sem atiradas.

No seculo VII stas misturas incen- diarias, cuja invenção primeira se per- de na noite dos tempos, foram introdu- zidas na Europa. Os Gregos do Bai- xo-Imperio deveram o conhecimento d'estas misturas, a que se chamou en- tão fogo incendiario (*feu grégeois*) a um architecto Syrio chamado Callini- co.

A mistura dos productos inflamma- veis conhecida por este nome, estava longe de possuir aquelle grão extraor- dinario de actividade de combustão que tantos historiadores se compraze- ram em lhe attribuir. Era para os guerreiros do Orie te mais um meio de derramar o terror pelos batalhões inimigos, do que uma arma offensiva e formidavel.

Sabe-se hoje com certeza de que se compunha o tal fogo. Era uma mis- tura de oleo de naphta, alcatrão, re- sina, oleos vegetaes, sebo, e o sumo secco de certas plantas, aos quaes se juntavam certos metaes combustiveis pulverisados. O salitre não entrava na composição d'este fogo artificial nos primeiros tempos em que se usou.

Como se usava d'elle na guerra ?

Nos cercos era atirado por meio de ballistas ou béstas para incendiar as torres de madeira e as obras de defesa.

Nas batalhas navaes iam brulotes, cheios d'esta materia inflammada e impellidos pelo vento, pegar o fogo aos navios. Algumas vezes lançava- se por canos de cobre ou bronze arma- dos na prôa dos navios. Nos comba- tes terrestres era pouco usado, apenas servia, como já dissemos, para incutir espanto e terror ao inimigo.

Por meio de tal fogo alcançaram os Gregos do Baixo-Imperio muitas victorias navaes desde o seculo IX até a tomada de Constantinopla pelos cru- zados em 1204. Depois da tomada d'es- ta capital, o conhecimento d'aquelle fogo incendiario espalhou-se por entre os povos musulmanos.

N'essa época, isto é, no principio do seculo XIII a composição do dito fogo recebeu um grande aperfeioa- mento. Introduziram-lhe o salitre, isto é, aquelle producto a que vulgar- mente se chama nitro, e scientifica- mente, azotato de potassa. Os Chi- nezés conheciam havia muito tempo esse sal, que, lançados sobre carvões escandentes, os faz arder com viva chamma, activando singularmente a sua combustão. Na China este sal encontra-se effectivamente já forma- do á superficie do solo e constitue efflorescencias naturaes. Basta reco- lher estas terras carregadas de salitre, lavar-as em agua quente que dissolve o sal, e fazer evaporar essa dissolução para obter salitre, impuro é verdade, mas contudo capaz de activar ener- gicamente a combustão de materias inflammaveis, como são o enxofre, o carvão, as materias gordurosas ou re- sinosas.

Ajuntando em proporção convenien- te o salitre impuro ás materias inflam- maveis de que já usavam, havia muito tempo, como meio de guerra, os Chi- nezés augmentavam consideravelmen- te a combustibilidade d'essas misturas.

Por este meio o fogo incendiario ad- quirio entre elles novo grão de força. Dos Chineses passou aos Arabes a idéa de mistura á composição d'aquelle fogo o salitre natural, mas não é pos- sivel dizer com exactidão em que época receberam dos Chinezes esta importan- te applicação do salitre.

Os Gregos do Baixo Imperio não tin- ham nunca usado do fogo incendiario senão nos combates maritimos. Pelo contrario, os Arabes serviram-se d'elle principalmente nos combates terres- tres e assedios. Para lançal-o pos- suiam os Sarracenos machinas mui diversas, e algumas vezes muito aper- feçoadas. Nos assedios atirava-se a quelle fogo com ballistas, machinas de alavanca e machinas de funda, con- tra as torres e mais obras que se que- riam incendiar.

Não era só nos assedios que os Sar- racenos e Arabes usavam de tal fogo, nos combates corpo a corpo tambem delle se serviam, e eram muito varia-

dos os aparelhos de guerra para tal effeito.

Os Sarracenos tiveram primeiro *carroças incendiarias*.

Haviam cavalleiros armados de lan- ças de fogo, que se arrojavam por en- tre os batalhões inimigos e os desba- ratavam.

Tambem alguns peões se armavam de lanças de fogo.

(*Extr. de FIGUIER*)

(*Continua*).

LITTERATURA

Contos a Esmo.

LUCINDA.

(*Continuação do n. 45*)

I

Dous dias depois, Carlos recebia a seguinte carta :

Carlos.

Estou desterrada ; Não sei que aca- so fez com que eu te pudesse enviar estas linhas.

Meu pae amaldiçoou-me depois do insulto d'esse vilão Macedo me disen- do deshonrada : O ultraje que nos fe- rio a ti pertence vingar. Corre a min que nós vnceremos.

Quinta do Cerro.

Lucinda.

Carlos chorára como desesperado. Era necessario que a mão que tinha de offerecer a Lucinda fosse primeiro manchada de sangue; era necessario tor- nar-se homicida antes de ser esposo. Mas que importa isso ? disse Carlos le- vantando-se exasperado.

O amor é cego, por elle tudo, tudo em nome do amor ! Amanhã o covar- de maldito hade rojar-se a meus pés, e com o tacão da botina hei de esma- gar-lhe a cabeça. Que importa o es- tigma da sociedade, se eu ja não vivo para ella ? Que importa a maldição de meus Paes, se elles já nem têm filho ? Carlos estava fóra de si, momentos depo- is levantou-se e sahio. Andou como louco por um e outro lugar sem saber o que deveria tentar. Por fim decidio-se ; era necessario ver Lucinda, o unico Deus que elle na terra adorava, pa- ra quem elle vivia, e em nome de quem elle entregaria a vida.

A quinta do Cerro distava duas le- guas da cidade do Porto ; era neces- sario marchar a cavallo e Carlos de- cidio-se a partir na mesma noute a companhia de um velho camarada que o vira nascer e disia ter por elle um amor de pae. E' indiscriptivel a scena que se passou entre Carlos e Lu- cinda em cujo coração ardia cada vez mais o fogo sagrado de um amor di- vino. Lucinda esperava o a todo o mo- mento por que sabia que Carlos logo que recebesse sua carta não hesitaria em vir procural-a, quando mesmo ti- vesse diante de si um abysmo enorme.

Deus ouviu as minhas preces, disse Lucinda correndo aos braços de Car- los. O meu coração não me atraçou- ou me disendo que vinhas hoje, e tu vieste, meu bem, meu querido, meu an- jo protector. Carlos estava sobremodo sobre excitado ; quasi não ouvia Lu- cinda, seu corpo tremia, e pronuncia- va seus inarticulados. Depois faser- do um esforço para vencer a atonia mortal do seu corpo exangue disse : As tuas preces eram de longe ouvidas pelo coração de teu amigo, e Deus ins- pirou-me mandando-me hoje abraçar- te. Lucinda, perdoa, se desvairo, per- dôa se não posso suster a rasão n'este mundo de tempestades, perdoa se sou covarde diante da desgraça incompa- ravel a que a fatalidade ou a má sorte nos condemnou.

O nosso destino está marcado com letras de fogo n'um dilemma terrivel : ou havemos de morrer esmagados pe- la ferocidade d'esses a quem a socieda- de chama paes, o que é um ultraje para nosso coração, ou havemos de salvar- nos d'este abysmo saltando por cima de homens.. cadaveres, que esta mão ha de faser condemnando os ao somno eter- no, como reprobos malditos ; escolhe e pronuncia-te.

Lucinda estarrecida pasmara diante

das palavras de Carlos, filhas da immen- sidade do seu amor.

A escolha era difficil ; matar um carrasco, mas que era seu pae, em no- me do amor era um crime perante a sociedade, muito embora não o fosse para Deus, que só podia ver as angus- tias que lhe iam pela alma.

Mas, immolar seu coração, sacrificar seu amor em nome de um tyranno que o exigia, não seria um duplo crime, não seria covardia, traição ? Taes eram as perguntas que Lucinda fasia a si mesmo n'essa hora dolorosa, n'esse tran- se terrivel.

Não, Carlos, disse ella por fim, ten- temos uma ultima vez ; vae a casa de meu pae, diz lhe o que te dictar o co- coração, pede, supplica ; e tudo for em vão, se esse homem não quiser ouvir-te, então, então falla e eu te obdecerei ce- gamente que Deus não nos desampará. Carlos comprehendendo o passo terrivel que tinha a dar ; conhecia de sobra o coração de ferro do homem monstro a quem tinha de fallar, para saber a sua resposta, mas por outro lado elle vio que o que lhe pedia Lucinda era a ul- tima agonia do amor filial, do respeito ao pae, sentimento que ainda ardia nas aras do seu coração e que o seu longo martyrio não conseguia apagar. Acece eu e parte.

Uma hora depois da partida de Car- los, um carro parava na porta da quinta e Pestana, Macedo e um des- conhecido apeavam se.

Que será isto ? disse Lucinda atoni- ta; e Carlos que via fallar a meu pae, ah ! é terrivel, sempre a fatalidade, sempre ella ! Pestana correu a Lu- cinda, abraçara-a parecendo haver es- quecido o que entre elles se dera ! Depois de um pequeno descanso em que Pestana primara pela affabilidade, levou Lucinda a seu quarto e fallou-lhe as- sim : Está chegada a hora, minha filha, de cobrimos com espesso véo o negro passado que tanto nos ha ator- mentado.

E' necessario que deixes a corôa de martyrios para enflorar-te a frente a corôa de noivado.

O desconhecido, que comigo trouxe, é um sacerdote que amanhã, te unirá pa- ra sempre com teu primo Macedo. Elle desculpou as tuas loucas acções e recebe te para tua e minha felicidade. Resigna-te que eu morrerei abençoa- do-te e Deus te abençoará no ego.

As ultimas palavras não foram ou- vidas por Lucinda que cahira na cama exclamando : meu pae, meu pae ! pois eu não sou sua filha ? ou serei uma sua escrava, vil instrumento seu ? E's minha filha, sim, disse elle e eu sou o pae, que procura a tua felicidade ; obdece- me cegamente senão... Lucinda não o deixara acabar ; levantou-se e firme, serena como quem nada soffre res- pondeu : o sr. é meu pae, eu sua filha, obedeço lhe, pois ; a sua vontade será feita. Macedo sabendo da nova que lhe levava pulara de contente e mil cas- tellos forjava ja aquella cabeça de monstro ! Tal era a sede de vingança !

(*Continua*)

SECÇÃO LIVRE

A *Imprensa* n. 43 trouxe um lindo folhetim a proposito do *Te-Deum*, com- posição do menino José Mariano.

Anunciando esse trabalho, o illustre folhutinista disse em phrase polida e eloquente com essas flores que lhe são peculiares, o que é o artista, seus ho- risontes, futuro e desgostos, esse con- tinuo labutar em que vive o verdadei- ro artista, o homem inspirado.

Por inconvenientes alheios a nossa vontade não pudemos ouvir um só dos ensaios, ainda que o desejássemos, pois que conhecemos de quanto é capaz essa imaginação ainda em botão ; e sem receio de contestação podemos afir- çar, que este menino actualment é unico capaz de composições d'este fole- go, unico capaz de tomar conta da ba- tuta.

E' por isso que ancioso esperavamos a execução do *Te-Deum* que teve lu- gar na tarde de 31 do mez p. p.

Contente e ao mesmo tempo contristado assistimos a execucao. Contente, por que viamos a crianca com todo desembaraço, com toda consciencia manear a batuta; e contristado por que lembrava-nos alguém trasendo saudades.

Viamos n'esse manejo de batuta, nos gestos e até no lençinho branco ao pescoço com o fim de impedir, que o suor lhe molhasse o colarinho, o espirito de Elias Lobo, de quem este menino tomou toda expressao tanto no gosto pela musica, como na regencia.

Vamos ao Te-Deum. A introducao é bonita, porem procurou, José, como que embaraçado no começo, seguir o gosto de outrem, como elle proprio confessa.

O n.º 2 Tibi-omnes, começa por um dueto de soprano e baixo, finalizando por um terceto o que dá certo realce.

O n.º 3 é um coro simples.

O n.º 4 começa por um coro animado mudando logo para um pequeno, porem lindo solo de soprano, no estilo do solo para a mesma em sabado de Alleluia musica de Elias Lobo e que D. Maria Augusta cantava tambem.

O n.º 5 bonito solo de violino como que antecipando o solo de soprano, que é simples e de bom gosto.

O n.º 6 Paer immense solo de baixo ou antes um recitativo. Neste numero ou ramo a attenção prende-se toda na orchestração que é magnifica de um gosto variado demodo que o canto é apenas um enchimento para melhor sobresahir a orchestra.

O n.º 7 é variado—coro, logo solo de baixo e um bonito pedaço para clareta que o menino Joaquim comprehendia muito bem o pensamento de seu canto.

O n.º 8 é do mesmo gosto que é o 7 e em lugar do solo de clarinete é solo de Ophicleid, com tudo o antecedente é mais bonito.

O n.º 9 é um bonito solo de baixo e mais apropriado que o primeiro para a voz do P. Luciano e finalisa por um coro.

N.º 10 começa por um cheio mudando logo para solo de baixo té ergo quemus o melhor dos solos de baixo, finalizando por um solo de soprano no gosto do solo do n.º 4. D'este solo em diante tanto as vozes como a orchestra vão pouco a pouco se animando... animando e conclue de um modo magestoso. O violino e clarinete neste numero é de muito gosto e foi bem comprehendido.

N.º 11 Saluum fac bonito dueto finalizando por um coro aqui sobresahe a variacao de violino e clarinete.

O n.º 12 é coro simples.

N.º 13 coro sentimental e conclue um solo bonito.

N.º 14 coro final reproducao do n.º 1 com pequena differença.

A musica em geral é bonita e de bom gosto, porem n'um'ou n'outro numero dá idea de musica que ja se ouviu.

Nossas palavras; são sinceras, vos a aconselhamos que não vos illudais que apreciando vosso merito não vos leve o orgulho a crer q' precisades do cultivo d'arte, ao contrario agora é que mais necessitades de todas as vossas forças para caminhar n'essa vereda que escolhestes e permitta Deus que sejão vossos companheiros o estudo e a modestia, e aonde quer que encontreis um conselho de mestre não o desprezeis.

Acceitai pois o mais cordial abraço. A vosso pae os sinceros emboras a que tem todo direito.

A vossa mãe, essa que vos alimentou em seu seio, assim vos infiltrando n'alma nota por nota as inspiraçoés que vem dos seus antepassadas—essa que no mais ardente beijo de mãe vos imprimio o verdadeiro sentimento—essa que soffre os martyrios da mãe carinhosa—que ri para alegrar te e a teus irmãos,—essa finalmente que.... não mais—para ella José o mais intimo de minh'alma.

Aos redactores da « Lucta »

D'uma noite fatal na treva densa firmava seu poder a escuridade sem alento, esperanza, rizo e crença sem um brilho sequer de claridade

Mas n'aquelle horisonte tenebroso pharol brilhante vem lusindo agora... Desponta irradiante e—explendoroso o sublime arrebol de nova aurora!

Salve filhos da fé que sobranceiros do trabalho no firme pedestal altivos derramais clarões fagueiros da columna de luz deste jornal!

—Salve! operarios, salve! E' a ode da Providencia, quando o craneo lança chammas nas lutas da intelligencia;

quando brilhão as ideias registrando as epopeas sublimes da patri' historia; quando a mocidade a si ergue monentos e prosegue após as palmas e gloria!

Quando o gigante faminto comendo o pão da instrucção, por um sacrosancto instincto tropeja contra a oppressão n'um impulso nobre e bravo quebra as algemas d'escravo, espedaca seu grilhão e com voz de tempestade reclamando a liberdade pede luzes a nação!

Quando em amor a moral o crane humano trabalha, das trevas surge o jornal plarol guiando a canalha, livro onde a humanidade soletra sua liberdade nas ordens de progredir, onde o facho do progresso rompe o escuro veo espesso mostrando o sol do porvir...

—Salve! operarios, salve! E' este o hymno benedicto que harmoniza o grande Deus dos paramos do infinito! E quando o sol que desponta as folhas d' historia aponta o obreiro fende o espaço, voa adéja para os ceus! Colhendo da terra a flor... Deus recolhe-a ao seu regaço!

O. BRAGA JUNIOR.

Illm. Sr. Tristão Mariano da Costa. 2 de Janeiro de 1877. (Ytú)

Meu presado amigo e senhor. Cumprindo com um dever de gratidão e de justiça, venho por meio desta, a participar-lhe o meu sentimento pela injusta apreciação dada no jornal Imprensa Ytuana de domingo 31 do p. ándo.

O publico sabe perfeitamente que V. S. luta com difficuldades para reconstruir uma orchestra digna do povo Ituano e que se ainda não pode atingir um grau de perfeição é preciso animal a.

Declaro-lhe que não achei faltas sensiveis na sua corporação, e que se os houve forão independentes da sua vontade pelo pouco tempo que tiverão para ensaiar.

Sou com toda a consideração Amigo e obrigado.

André Ortiz. (Director)

Soneto

(A' J. B. DE S. R.)

Passava pelas margens d'um ribeiro, De tarde quando o sol ja se escondia, E sempre uma dellas distinguia Que olhava p'ra mim, com olhar brejeiro.

N'outra tarde de novo eis-me certo, No ponto onde, ella, sempre eu via; Julguei que era tempo, e que devia, Fallar com a minha bella, prazenteiro.

Então, lhe disse eu, que lhe adorava; E que pelos seus olhares eu sabia, Que assim as caladinhas, já me amava...

—Se olhava p'ra messé, se eu sorria E' que Mariazinha me contava Que messé não pagava o que devia...

S. Paulo—1876.

H. G.

Durante o primeiro anno da publicação do nosso periodico, recebemos os seguintes jornales.

Provincia de S. Paulo. S. Paulo. Tribuna Liberal

Table listing various newspapers and their locations: Correio Paulistano, Diario de S. Paulo, Coaracy, Sentinella, Trabalho, Instrução Publica, Polichinello, Catolico, Republica, Jornal para todos, Lutta, Republica das Letras, Diario de Campinas, Gazeta de Campinas, Movimento, O Capivary, Tagarella, Clarim, Imprensa, Raio, Gazeta de Santos, Thesoura, Diario de Noticias, Ipanema, Colombo, Tribuna Amparense, Piracicabano, O Piracicabano, Limeirense, Futuro, O pirassununga, Tribuna de S. Carlos, Municipio, Jornal das Familias, O tempo, Familia Maçonica, La Saison, Monarchia, Diario official, Apostolo, Revista de Agricultura, Imprensa Evangelica, Brazil e Portugal, Recreio das Mogas, Imprensa Industrial, Leitura do domingo, Illustração Popular, Illustração do Brazil, Seculo XIX, Quelusense, Aurora, Provinciano, Monitor Campista, Lorenense, Amor ao progresso, A Palavra, Monitor-sul Mineiro, Princesa, Imprensa de Taubate, Echo Bananalense, Alabama, O Bonde, Areense, Provincia do Paraná, Commercio de Iguape, Iguapense, Americano, Pindamonhangabense, Echo da Bocaina, Barreirense, Jacarehiense, Rezendense, O Liberal, Municipio, Crensa, Jornal do Povo, Sete de Setembro, Encouraçado, O Tempo, Theophilo Ottoni, Floresta, Bragantino.

GAZETILHA

Camara Municipal—No dia 7 do corrente as 10 horas da manhã, no Paço da Camara Municipal, tomou posse e prestou juramento os eleitos do povo, perante a Camara cujo quadriennio se findou.

Concluida a cerimonia da posse, foi o actual Presidente acompanhado pelos Vereadores e pelo Presidente e membros da Camara passada, té a casa de sua residencia, onde foi pelo mesmo offerecido um copo d'agua.

A Imprensa representante da opinião publica, não pode deixar de manifestar um voto de louvor a digna Camara Municipal tranzaeta, pelos relevantes serviços que prestou ao Municipio.

As obras importantes que fez testemunhos que perdurarão para sempre recordando sua administração benefica e utilitaria.

Cumprirão, pode-se dizer, o seo dever.

Temos bastante confiança na actual Camara que agora começa de funcionar, que será tambem fiel interpete d'aquelles que o elegerão, procurando o bem estar e a felicidade de seus municipes.

Fazem parte da nova Camara Municipal os seguintes cidadãos:

Presidente o sr. Bento Fernando Paes de Barros, Francisco de Almeida Pompêo, Carlos Kiehl, Arsenio Corrêa Garvão, Carlos Augusto de Vascon-

sellos Tavares, Antonio Galvão de Almeida Sobrinho, dr. Joaquim de Paula Souza, dr. Francisco Xavier Paes de Barros, e Luiz Antonio de Anhaia.

Fiscal.—Pedio e obteve sua demissão o sr. Braz Carneiro Leão, sendo nomeado para aquelle cargo o sr. Francisco da Silva Machado.

Interdicção.—Conforme o Edital publicado no lugar competente, foi julgado pelo dr. Juiz de Direito da Comarca, interdito o sr. Francisco Antonio Bueno, sendo, pelo dr. Juiz de Orphãos, nomeada curadora d. Isabel Francisca de Almeida mulher do referido interdito.

Praça de escravos.—Chamamos attenção dos interessados para o Edital, publicado no lugar competente, em que se convida proponentes para a compra de alguns escravos pertencentes a interdicta d. Maria Michael de Vasconcellos; ás propostas tem de ser abertas na audiencia de 3 do proximo mez de Fevereiro.

Carta.—A pedido, publicamos uma carta do sr. Ortiz, director da companhia Zarzuela, em que procura desculpar algumas faltas da parte da orchestra, e da apreciação injusta feita por esta folha na primeira noute de espectáculo.

Nada diremos a respeito para não offender susceptibilidades.

A Imprensa Ituana tem sido sempre justa nas apreciações que tem feito sobre a musica regida pelo sr. Tristão Mariano e appellamos para o publico.

O sr. Ortiz despediu-se de nós e communicou-nos que pela semana santa pretende dar alguns espectaculos nesta cidade.

Juizes de Paz—Tomarão posse e prestarão juramento os cidadãos que tem de servirem como Juizes de Paz neste quadriennio, são os seguintes: 1º cap. Antonio Corrêa Pacheco e Silva, 2º dr. Joaquim Fernando de Barros, 3º Luiz Gabriel de Souza Freitas, 4º José Alves da Fonseca Coelho.

Commissões da Camara

—A nova Camara em sua primeira sessão nomeou as seguintes commissões: Permanente, Bento Paes, dr. Xavier de Barros, ten. cor. Anhaia; Obras publicas, Arsenio Corrêa, Kiehl, e Anhaia; Contas, Pompêo, Tavares e Arsenio; Redacção, dr. Xavier de Barros, dr. Paula Souza, e Bento Paes; Revisão de posturas, Anhaia, dr. Barros e Bento Paes.

Diario de Noticias—E' este o titulo de um novo jornal que começou a ser publicado na cidade de Santos: não tem cor politica dedica-se exclusivamente a fornecer a seus leitores o movimento commercial daquella praça, noticias diversas e leitura aena, reunindo o util ao agradável.

Agradecemos a remessa do seo primeiro numero, e retribuiremos.

Imprensa Ytuana—Como diz o Edictorial, com este numero começamos o 2º anno deste periodico que tinha de finalizar a 8 de Fevereiro proximo: tomamos esta deliberação para commodidade nossa na escripturação, finalizando o anno sempre em Dezembro.

Pedimos desculpa aos nossos assignantes da falta do jornal no domingo passado, sendo levados a assim proceder por termos de augmentar o seo formato, e haver n'aquella semana só 4 dias de trabalhos.

Esta falta jamais se reproduzirá.

Festas do Anno-Bom.—Correrão com todas as solemnidades aquellas festas. A Igreja do Senhor Bom Jesus esteve ricamente adornada. Esteve surprehendente a rica illuminação do altar-m r, como ainda não tivemos occasião de ver.

Poesias.—Publicamos hoje uma poesia do sr. O. Braga J; moço intelligente, habil e de um talento não vulgar, o sr. Braga tem diante de si um futuro brilhante.

Agradecemos-lhe o mimo com que nos honrou e esperamos que tão habil moço concorra a abrilhantar as columnas do nosso jornal.

Bispo Diocesano.—Chegou a esta Cidade no dia 12 do Corrente o Exm. Sr. D. Lino Bispo, desta Diocese.

Aqui veio, segundo nos consta, com o fim de sagrar a Capella de Nossa Senhora das Mercês, hão pouco concluida.

Acompanhão-no os reverendissimos srs. Bispo eleito de Maranhão, Monsenhor Pereira de Barros, Conegos Antonio José Gonsalves e Ezechias, Vigarios do Amparo e de Indaítuba, o Revd. professor do Seminário Manoel Vicente.

O acto da sagração terá lugar hoje e será seguido da missa Pontifical.

Affogado.—No dia 11 do corrente, as 7 horas da manhã, no bairro do Caiacatinga, dous filhos de Elias de Arruda Cruz, e Querubina Viçoso, um menino e uma menina, perseguindo uma marreca no tanque, cahirão no mesmo, afogando-se o menino Francisco, e escapando por acaso a menina.

Avatar.—Com este titulo começamos a publicar em folhetim o delicado romance com aquelle nome, do conhecido romancista Theophile Gautier traduzido por Salvador de Mendonça.

Provedores da Semana Santa.—Forão sorteados os srs. cap. Antonio Carlos de Camargo Teixeira e o ten. Manoel Constantino da Silva Novaes, para Provedores da proxima semana santa.

Fallecimento.—Ainda na infancia morreo o innocente Oscar, filho do nosso distincto amigo e redactor desta folha, o sr. dr. Francisco de Assis Pacheco Junior.

Compartilhamos a sua dôr, enviando-lhe os nossos peza mes.

Liberdade.—O sr. Romualdo Antonio de Pinho acaba de confírir liberdade sem condição alguma, ás suas escravas Maria e Candida.

E este um acto de philantropia, que muito o recommenda ao conceito publico e dispensa commentarios.

Registro Parochial—De 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro de 1876.

Table with columns for Baptisados de pessoas livres (Homens, Mulheres), Ingenuos (Homens, Mulheres), Casamentos (De pessoas livres, De escravos), and Obitos de pessoas livres (Adultos, Innocentes do sexo masculino, etc.).

Cauzas dos obitos.—Ictericia 2.—Assassinado 1.—Estupor 4.—Repentinamente 11.—Dartro 1.—Bronchites 3.—Colica 3.—Retenção de urina 2.—Pericardite 5.—Anemia 2.—Mordedura de cobra 2.—Hydropesia 18.—Tetano 4.—Mal de fogo 1.—Hepatite 11.—Paralizia 9.—Hernia 2.—Erysipella 1.—Morphea 2.—Recem nascido 28.—Vermes 59.—Rheumatismo 7.—Gastro-enterites 2.—Molestias internas 34.—Febre 34.—Tizica 18.—Molestia intestinal 6.—Coqueluche 15.—Aneurisma 3.—Gastrite 1.—Afogados 2.—Endocardite 1.—Tumores 2.—Pneumonia 1.—Encephalite 3.—Vehlice 6.—Affecção cardiaca 1.—Congestão cerebral 1.—Apoplexia 1.—Typho 2.—Croup 1.—Queimadura 3.—Enterite 1.—Cystite 1.—Recalhida de sarampos 1.—Hypertrofia 1.—Discenteria 4.—Parto 5.—Congestão pulmonar 1.—Inflamação uterina 1.—Leucorrhoea 2.—enticação 1.—Machucadura 1.—Endocardite 1.—Asthma 1.—Colite 2.—Affecção pulmonar 1. Total 338.

Baptisados

Dia 1.º Antonia, nascida a 15 de Novembro p.p. filha de João Francisco de Almeida e Rita Soares.

Dia 2.º Luiza, 20 dias, filha de Roberto Henrique Dunital e Maria José da Motta.

Augusto, 15 dias, filho de Theodoro e Francisca escravos do José Antonio de Souza.

Sebastiana, nascida a 18 de Novembro p.p. filha de Germana Solteira escrava de José Eugenio do Amaral Souza.

Dia 3.º José, nascido a 20 de Dezembro p.p. filho de José Cardozo dos Santos e Maria Ambrozina Fernandes.

Afra, nascida a 18 de Dezembro p.p. filha de Manoel e Gertruda escravos de Manoel Soares Ferraz Guimarães.

Dia 4.º Jezuina nascida a 26 de Dezembro p.p. filha de Antonio Leite e Anna Maria Leite.

Dia 6.º Belaíra, nascida a 24 de Dezembro p.p. filha de Joana solteira escrava de D. Anna Eufrozina da Cunha.

Francisco nascido a 18 de Dezembro p.p. filho de José Antonio Solano e Antonia Maria de Jesus.

Dia 19.º Maria de 33 dias, filha de Benedicta, Solteira.

Francisca de 11 dias, filha de Joaquim de Almeida Leite e Antonia Francisca.

Luminata de 15 dias, filha de Jacintho Lopes de Medeiros e Rita Maria de Jesus.

Casamentos

Dia 3.º Joaquim Antonio de Almeida com Amelia Leopoldina Monteiro de Carvalho.

Obituario —Do dia 1.º a 12 de Janeiro sepultarão-se os seguintes cadaveres:

Dia 2.º Manoel Rodrigues Moraes, 25 annos, solteiro; Pneumonia.

Dia 3.º Maria Fernandes, viuva, 70 annos; Pneumonia.

Dia 5.º Pedro Carosi, religioso da Companhia de Jesus, 53 annos; Gastro enterite aguda.

Dia 6.º José, liberto 25 annos, solteiro, falleceu na Misericordia; Nervoride m. titidade.

Dia 7.º Ignacia, 3 annos, filha de José Joaquim Alves; Vermes.

José Tavares, casado, 28 annos, falleceu na Misericordia; Hepatite intestinal chronica.

Dia 10.º Alfredo, 4 mezes, filho de Salvador Martins do Prado; Vermes.

Dia 11.º Oscar, 18 mezes, filho do dr. Francisco de Assis Pacheco Junior. Vermes.

Dia 12.º Francisco, 7 annos, filho de Elias Arruda Cruz; Afogado.

Bento Golsalves Martins, 17 annos filho de Francisco Ypiriano; Febre.

EDITAES

Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, Juiz de Orphãos nesta Cidade de Itú e seu Termo & etc.

Faço Saber aos que o Presente Edital de interdicção virem que por D. Izabel Francisca de Almeida me foi enviado a dizer, que seu marido Francisco Antonio Bueno tem estado de completa demencia, e algumas vezes furioso, e por isso tem se tornado incapaz de reger sua pessoa e administrar seus bens, tendo inquirido duas testemunhas e com resposta do Curador Geral forão os autos conclusos ao Dr. Juiz de Direito, o qual exarou sua sentença seguinte: Em vista dos depoimentos das testemunhas, e exame medico a que se procedeo julgo justificado Francisco Antonio Bueno incapaz de reger sua pessoa e administrar seus bens por demente, e mando que na forma da Ord. L. 4.º T. 103 selhe dê Curador. Pu li que se o interdito para que fiquem nullos, e de nenhum effeito os Contractos que da data desta sentença em diante, com elle se celebrarem, pagas as custas pelos bens do mesmo interdito.

Baixem os autos ao Juiz donde vierão pa a todos os effeitos legais.—Itú 20 de Dezembro de 1876.—Frederico Dabney de Avellar Brotero.—Nada mais se continha em dita sentença em

virtude da qual foi nomeada Curadora D. Izabel Francisca de Almeida mulher do interdito.—Dado e passado nesta Cidade de Itú aos 4 de Janeiro de 1877.—Eu José Francisco da Costa Escrivão de Orphãos que escrevi.—Francisco de Assis Pacheco Junior.

Edital de interdicção de Francisco Antonio Bueno. Para V.S. ver e assignar.

Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, Juiz de Orphãos nesta Cidade de Itú e seu termo & etc.

Faço saber aos que o presente Edital virem, e d'elle noticia tiverem, que durante o prazo de 30 dias contados da presente data de sua publicação, este Juiz recebe propostas para a compra dos seguintes escravos. Elias reformada a avaliação por 450\$000 Anna mulher do mesmo reformada a avaliação por 700\$000 Jezuino por 800\$000 Felicina mulher por 1:200\$000 Manoel carpinteiro reformada a avaliação por 2:200\$000 e Manoel reformada a avaliação por 200\$000 pertencentes a interdita D. Maria Micaella de Vasconcellos moradora desta Cidade.

Os pretendentes poderão examinar os ditos escravos na Casa de sua sede a rua da Palma. Os proponentes deverão comparecer a 1.ª audiência depois de findar as feiras em 3 de Fevereiro, para assistirem a abertura das propostas e verificarem a venda com quem maior lance offerecer. E para que chegue a noticia a todos mandei publicar o presente por tres vias, que serão affixados nos logares do estilo e publico pela imprensa de que se passará certidão para constar. Dado e passado nesta Cidade de Itú aos 20 de Dezembro de 1876.—Eu José Francisco da Costa Escrivão de Orphãos, que escrevi.—Francisco de Assis Pacheco Junior.

Edital convocando proponente para a compra de escravos pertencentes a D. Maria Micaella de Vasconcellos. Para V.S. ver e assignar.

ANNUNCIOS

Ao commercio

Os infrascriptos dissolverão amigavelmente em 19 de Dezembro de 1876, a sociedade que entre si haviam formado e que n'esta praça funcionava sob a razao de Valente & Ribeiro, ficando a cargo do socio Jacintho Valente Barbas todo o activo e passivo da caza.

Ytu 7 de Janeiro de 1877.

Jacyntho Valente Barbas. Fernando Ribeiro Soares. Francisco Brenha Ribeiro.

Porto-Feliz

O Solicitador, Augusto Pires Guerreiro, reside nesta cidade, encarrega-se de todo e qualquer negocio proprio de sua profissão e assim de cobranças, tanto no municipio como para fóra.

Porto-Feliz 11 de Janeiro de 1877

MASSA FALLIDA.

Por ordam do Sr. Dr. Juiz Commercial, convido a todos os devedores da massa fallida de Antonio Joaquim da Costa, a satisfazerem seus debitos até o dia 31 do corrente, pois findo que seja esse prazo proceder-se-ha a cobrança judicial.

Itú 4 de Janeiro de 1877.

O Locrador, José Antonio da S. Pinheiro

Atenção

Jacyntho Valente Barbas, successor da firma em liquidação de Valente & Ribeiro, roga a todas as pessoas que se achão em debito para com esta firma, o obsequio de virem saldar as suas contas com urgencia, á rua da Quitanda n.º 27

Ytu 7 de Janeiro de 1877.

Jacyntho Valente Barbas.

Successor de Valente Ribeiro

Declaração

Braz Carneiro Leão, natural e morador em Ytu, para não se evitar futuras questões, faz publico, que de ora em diante elle e sua sra. se assignarao.

Braz Carneiro Leão e sua sra.



Desapparecerão do logar denominado Cruz das Almas, quatro bois sendo um vermelho, caracú, tendo a extremidade da cauda branca, e uma pinta tambem branca junto ao chifre; outro de cor amarella e chifres grandes. Ambos são marcados com a letra -S.-

Os dous outros são facéis de conhecer-se porque tem defeitos salientes: um é vermelho estrella, caracú e tem a cauda torta; o outro tem a ponta do chifre quebrada, e de cor amarella e marcado com a letra -S.-

São pertencentes a José Gonsalves Ribeiro, que gratificará generosamente a quem prende-os e entregal-os.

Lista Geral da correspondencia existente na Agencia do Correio de Itú ate 31 de Dezembro de 1876.

- Antonio Messias Franco 3
Dr. Antonio Aguiar Barros 2
Antonio Gomes Salvador 1
Antonio Branco Rodrigues 1
Antonio Bernardo da Costa 1
Antonio Pedroso de Oliveira 1
Antonio Ramos 1
Antonio Correa 1
Antonio José de Arruda 1
Antonio de Camargo Barros 1
Antonio Remigio 1
Antonio Carlos de Almeida 1
Antonio Pinto 1
Antonio José Gomes 1
Antonio Lopes Pereira 1
Antonio Leite de Carvalho 1
Augusto Ferraz de Andrade 1
Augusto Fernandes da Silva Prado 1
Assis Bernan les Pacheco 1
Adolpho Antonio S. 1
Augusto Treichel 1
Anastacio José Rodrigues 1
Angelo Fiscal 1
Antonio de Barros Galvão 1
Anna Duarte da Costa Ferrugem 1
Anna Theresa Alves Lobo 1
Anna Francisca Masquita Lobo 1
Anna Joaquina de Campos 1
Anna Rita de Castro Freitas 1
Anna Candida da Fonseca 1
Anna Innocencia de Toledo 1
Benedicto Aprigio M. da Costa 1
Benedicto Dias 1

(Continua)